

ESCOLA, LUGAR DE COMPARTILHAR CONHECIMENTOS

Eliane Magalhães Silva¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a relação entre processos de elaboração conceitual em desenvolvimento na criança e o aprendizado de conceitos científicos na escola, tematizado por Vygotsky. Ele destaca a necessidade de diferenciarmos as condições em que a elaboração do conhecimento se dá nas relações interpessoais, nas relações de ensino-aprendizagem. Vygotsky analisa o papel do professor nessas relações e problematiza as necessidades da criança de adquirir novos conceitos. O objetivo de suscitar essa reflexão não esgota as possibilidades de aprofundar os estudos da contribuição de Vygotsky para educação.

Palavras-chave: Desenvolvimento; criança; ensino-aprendizagem; conceitos científicos.

A relação entre processos de elaboração conceitual em desenvolvimento na criança e o aprendizado de conceitos científicos na escola é tematizada explicitamente por Vygotsky(2000).

Embora considere o processo de elaboração conceitual em desenvolvimento na criança e Vygotsky(2000) destaca a necessidade de diferenciarmos as condições cotidianas e nas relações ensino vividas no contexto escolar.

Nas interações cotidianas, o adulto participa espontaneamente do processo de utilização e de elaboração da linguagem pela criança. Ele e a criança compartilham palavras, utilizando-as nas situações imediatas em que estão envolvidos, aplicando-as a elementos nelas presentes. A atenção de ambos está centrada na própria situação e não na atividade Assim, pai e filho, por exemplo, podem utilizar a palavra ferramenta numa situação de trabalho, sem que se explicita, para ambos, os sentidos que atribuem a ela. Para a criança, a palavra ferramenta pode significar apenas o martelo, não incluindo a chave de fenda ou o serrote. No entanto, como nesse contexto vivencial a palavra e a situação se entrelaçam, e a maioria das palavras utilizados pelo adulto e pela criança designa os mesmos objetos ou eventos, equivalendo-se funcionalmente, são raras as vezes em que ambos se dão conta das diferenças de generalização e de abstração entre seus modos de elaborar as palavras

Essas diferenças aparecem ocasionalmente, quando a criança acaba revelando, por um motivo ou outro, o modo pelo qual “compreende” , a palavra.

¹Docente do Curso de Pedagogia da Faculdade Araguaia.

Já nas interações escolarizadas, que têm uma orientação deliberada e explícita no sentido da aquisição de conhecimentos sistematizados pela criança, as condições de produção da elaboração conceitual modificam-se sob vários aspectos. Na escola, a criança e o adulto interagem numa relação social específica – a relação de ensino. Sua finalidade imediata, a de ensinar a aprender, é explícita para seus participantes, que nela ocupam lugares sociais diferentes: a criança no papel de aluno, é colocada diante da tarefa de “compreender” as bases dos conceitos sistematizados ou científicos, o professor é encarregado de orientá-la.

Nessas condições, a participação do adulto é deliberada e explícita tanto para ele quanto para a criança. Cabe ao adulto, no papel de professor, possibilitar à criança o acesso aos conceitos sistematizados, procurando induzir nela formas de raciocínio e significados. Cabe à criança, no papel de aluno, realizar as atividades propostas, seguindo as indicações e explicações dadas.

No entanto, para Vygotsky(1994), o papel do professor não implica ou explicar diretamente o significado de uma palavra à criança. Isso é impossível, assegura ele, porque quando se explica qualquer palavra, colocamos em seu lugar outra palavra igualmente incompreensível, ou toda uma série de palavras, sendo a conexão delas tão ininteligível quanto a própria palavra. Esse encadeamento de palavras que se substituem umas às outras conduz apenas ao verbalismo vazio, uma repetição de palavras pela criança, semelhante à de um papagaio.

O que a criança necessita, aponta Vygotsky(1994), é de oportunidades para adquirir novos conceitos e palavras na dinâmica das interações verbais, mediadas pelo professor. Ele participa ativamente do processo de elaboração conceitual da criança. Nas relações que mantêm, ele utiliza novos conceitos, define-os, apresentando-os em diferentes contextos de uso, propõe atividades em que devem ser empregados. Destaca, recorta informações e significados em circulação na sala de aula, direcionando a atenção da criança para eles; induz à comparação entre informações e significados; possibilita a expressão das elaborações da palavra, organizando verbalmente seu pensamento; problematiza as elaborações da palavra, organizando verbalmente seu pensamento; problematiza as elaborações iniciais da criança, levando-a a retomá-las, a refletir sobre possibilidades não consideradas, a refletir sobre seus próprios modos de pensar...

O homem seguiu o racionalismo até um ponto em que o racionalismo se transformou em completa irracionalidade. Desde Descartes, o homem vem separando sempre mais o

pensamento do afeto; só o pensamento se considera racional – o afeto, pela própria natureza, irracional; a pessoa, eu, foi decomposta num intelecto, que constitui o meu ser, e que deve controlar-me a mim como deve controlar a natureza. O domínio da natureza pelo intelecto, que constitui o meu ser, e que deve controlar-me a mim como deve controlar a natureza. O domínio da natureza pelo intelecto e a produção de mais e mais coisas tornaram-se as metas supremas da vida. Nesse processo o homem se converteu numa coisa, a vida ficou subordinada à propriedade, o ser é denominado pelo “haver” Erich Fromm , 1960.

Toca-me profundamente este lema e me leva a questionar o papel da “educação” e a função do “conhecer” no desenvolvimento do ser humano. O que vem a ser educar? Se a criança fosse privada da educação, permaneceria em estado totalmente primitivo. Educar seria levar o ser humano do estado primitivo. Educar seria levar o ser humano. O que vem a ser educar? Se a criança fosse privada da educação, permaneceria em estado totalmente primitivo. Educar Seria levar o ser humano do estado primitivo à forma atualizada de civilização e cultura.

Educar seria então, inicialmente, conduzir ou criar condições para que na interação, na adaptação da criança, fosse possível desenvolver as estruturas da inteligência, necessárias aos estabelecimentos de uma relação lógica com o mundo. Nós, educadores, parecemos nada entender do como se dá o desenvolvimento, o como a cognição e a afetividade estão implicados nesse processo; ou nada temos a ver com isso? Acredito as escolas deveriam entender mais de seres humanos e de amor do que de conteúdos e técnicas educativas. Elas têm contribuindo em demasia para a construção de neuróticos por não entenderem de amor, de sonhos, de fantasias, de símbolos e de dores.

Todo o conhecimento começa com o sonho. Mas sonhar é coisa que não se ensina. Brota no ser humano como uma serpente que brota na terra. E das pulsões, dos desejos, das faltas e ausências que cada ser humano é levado a ter a vontade de buscar e pensar . A educação é formada pelo pensar, perceber e comunicar-se. Conhecer é pensar, inventar, é descobrir as qualidades dos objetos recompondo a capacidade criadora na mente. Não se aprende aquilo que o outro lhe dá pronto; aprende-se em função daquilo que se pode trabalhar sobre outro, ou sobre o objeto que descubro. Construo invento, sempre dentro de minhas capacidades e do campo de possibilidades.

O meio em que a criança vive não é colocado à disposição da curiosidade e da descoberta, mas imposto autoritariamente por um programa que nada têm a ver como o nível de desenvolvimento cognitivo da criança.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FROMM, Erich. **Zen Budismo e Psicanálise**. São Paulo: Cultrix, 1960.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

Recebido em 04 de julho de 2013.

Aprovado em 12 de julho de 2013.